

HÚMUS DE RAUL BRANDÃO. UM ROMANCE EXISTENCIAL E METAFÍSICO

Maria de Lourdes Sirgado Ganho

Universidade Católica Portuguesa

Palma de Cima, 1649-023 Lisboa

(351) 217 214 000 | info@reitoria.ucp.pt

Resumo: A obra prima de Raul Brandão *Húmus* é, sem dúvida, um romance, que se inscreve na literatura portuguesa, mas que supera essa condição pelo nível de interrogação filosófica que exhibe. A dimensão existencial e ontológica são claramente patenteadas. Romance existencial, anunciando o existencialismo, romance metafísico abrindo-se a um interrogar acerca do ser, criando uma atmosfera em que literatura e filosofia se entrecruzam, permanentemente, pelo que se oferecem à reflexão filosófica.

Palavras-Chave: Filosofia; Literatura; Metafísica; Existência

Abstract: The masterpiece of Raul Brandão *Húmus* is undoubtedly a novel, which is inscribed in Portuguese literature, but that surpasses this condition by the level of philosophical interrogation that it exhibits. The existential and ontological dimension are clearly patented. Existential romance, announcing existentialism, metaphysical romance opening itself to an interrogation of being, creating an atmosphere in which literature and philosophy intertwine permanently for what they offer themselves to philosophical reflection.

Key Words : Philosophy; Literature; Methaphysics: Existence

Introdução

Homenagear Raul Bradão, passado um século da redação da sua obra prima *Húmus*, romance de atmosfera existencial e metafísica, obriga-nos a repensar a sempre presente relação entre literatura e filosofia. Ele que considerava esta obra o seu *magnum opus*. Damos-lhe razão.

Encontramo-nos perante um romance, por vezes escrito em estilo de diário, fragmentado é certo, mas, embora seja uma obra literária ficcionada, ela presta-se a uma interpelação filosófica, pelo modo como a trama do romance se posiciona. Diz-nos Machado Pires: “Este ‘enigmático’ *Húmus*; espécie de diário escrito ao longo de um ano, é pois o livro que mais problemas levanta ao leitor e ao crítico. Ao leitor, porque se encontra perante um escrito ‘caótico’ carregado de interrogações metafísicas, de ‘farrapos’ de narração, de tiradas poéticas, de pessimismos. Ao crítico pela ‘indecisão’ quanto ao género literário /.../”¹.

No meu entender, encontramo-nos perante um romance onde os personagens contam a sua própria história, num surgir primordial, bem como na tomada de consciência relativamente a si próprios e ao que os rodeia, pelo sonho, pela realidade, em interrogações que obrigam a pensar. Obra literária com traços poéticos, em que se parte do concreto da existência, da “mixórdia”, descrevendo em sonho e dor para, em seguida, interrogar. Obra literária que se presta a uma interrogação filosófica, como *A náusea* de Jean-Paul Sartre, ou *O estrangeiro* de Albert Camus.

Um Romance Existencial e Metafísico

Raul Brandão, com efeito, em 1917 apresenta-nos este romance existencial e metafísico em que temáticas como a vida vivida ou não vivida, ou seja a vida também entendida

como vida inautêntica, como absurdo, já exhibe aquelas problemáticas que na altura da Segunda Guerra mundial eram preocupações centrais da filosofia da existência. *Húmus* aparece muito antes, como que enclausurado no seu tempo, onde emerge como estranho, desordenado, com laivos de irracionalismo, aporético.

Ora, a nossa reflexão centra-se no reconhecimento de que existe nesta obra uma dimensão existencial, muito pautada pelo pessimismo, mas em que há, ao mesmo tempo, uma tomada de consciência, tarefa levada a cabo pelo Gabiru, que interroga, interpela, obriga a pensar. E para lá da descrição há o anelo metafísico, fundamentador, que traz consigo laivos fugazes de esperança. *Húmus* é um romance inquietante feito, como refere, de “enxurradas de cores, de tinta”, mas também “dessa poeira viva que é a sombra e a luz”. Recriação, por sua vez, de uma atmosfera

¹ Pires, António Machado, *O essencial sobre Raúl Brandão*, Lisboa, INCM, p. 35.

claustrofóbica em que respirar se afigura difícil, para num repente de interrogação se libertar pelo sonho, o qual tem para o escritor o poder de libertar da realidade que é dor. Precisamente por isso, refere: “O sonho é um – a realidade é outra: a realidade é uma figura só dor².”

Pressinto uma vida oculta, a questão é fazê-la vir à supuração³

Partindo da interpretação desta sua afirmação, podemos considerar que estamos perante toda uma gama de referências acerca da existência submergida, mineralizada, feita de hábitos de repetições, de manias. E diz-nos: “Todos os dias acordamos mais velhos, todos os dias acordamos mais inúteis, todos os dias com mais fel. E todos os dias com mesuras, sem gritos de terror, nos curvamos sobre esta mesa de jogo, não vendo, fingindo que não existe, o espanto que está ao nosso lado e o espanto que trazemos connosco. Chama-se a isto o quotidiano”⁴.

Temos aqui referida, em sombra, a existência, sem interrogação, vivida no hábito e na convenção, vida rasteira e desgastada, indiferente, *húmus*, tal como a vida da “mulher da esfrega” repetida numa miríade de gestos sem sentido. Esta existência é real, é vivida em dor, sofrimento, bem como na ausência da interrogação, como menciona, sem se ter consciência do espanto que habita em cada um. Esta ausência de espanto, com efeito, Raul Brandão refere-a como “enxurro humano”, dado que a consciência não desperta e, por isso mesmo, vive-se à maneira da coisa. Daí a seguinte interrogação, na obra *O pobre de pedir*: “ó coisa, tu ouves ou não ouves, ó coisa chegou a igualdade”⁵. Esta a vida à superfície, sem tomada de consciência, sem espesura e profundidade. Verdadeiramente, é a vida reduzida a uma “insignificância”⁶.

A mulher da esfrega, uma “alma espezinhada”⁷ que, sem dúvida, vive ao lado do espanto, ignora que esse espanto lhe confere, ainda que de um modo não consciente, o sonho. Daí a seguinte afirmação: “Do sonho que revolve o mundo cabe também uma parte à mulher da esfrega”⁸. Só que ela não o sabe, pois não despertou para ele.

A “vida oculta” é aquela que trazemos, que nos habita, em rasgos de lucidez, que obriga a interrogar, mas nem todos interrogam, ainda que em todos essa interrogação esteja lá, enclausurada, encapsulada, abafada pelos hábitos e repetições. É precisamente por isso que até a “mulher da esfrega” pode sonhar, se quebrar com

² Brandão, Raul, *Humus*, ed. Crítica de Maria João Reynaud, Porto, Campo das Letras, 2000, sigla H, neste caso p.128.

³ H, p. 69.

⁴ H, p. 68.

⁵ Brandão, Raul, *O pobre de pedir*, Lisboa, Seara Nova, 1931, p. 37.

⁶ H, p.62.

⁷ H, p.128.

⁸ H, p. 123

os “gemidos”, se se predisporer. A sua existência é uma espécie de pré-refletido, a questão consiste em como o trazer à reflexão ! Como o pensador menciona, há uma espécie de verso e de reverso, dito do seguinte modo: “ o sonho é um – a realidade é outra” ⁹. Á mulher da esfrega coube, sobretudo, a realidade, ainda que nela o sonho pudesse despontar. Pudesse ... será que alguma vez despertou?

São estas interrogações existenciais que implicam perguntar: existo? Em que sentido? Sou mais que o meu aparecer? Não é fácil esclarecer, ainda menos responder, será que todos os seres acedem à “vida oculta”?

O Espanto e o Sonho

O espanto e o sonho são, *chi sà*, os reveladores da “vida oculta”, ou seja, da existência que se interroga e interrogando pergunta pelo sentido. Momento demiúrgico em que a consciência emerge, procurando compreender no “enxurro humano” a dinâmica da condição humana, e que nesta não há só a dor, o simulacro, mas também o amor e a ternura, que também dizem nesse *Húmus* o que é o ser humano e a sua condição de existente. Dor, ternura, sonho, vida, morte, são manifestações da existência que possibilita o acesso à “vida oculta”, aquela a que todo o ser anela¹⁰.

Em *Húmus*, se nem todas as personagens se interrogam, despertam, verdadeiramente para o sentido da existência, aquelas que o fazem despertam em angústia e dor, fazem mesmo a experiência do absurdo, confrontam-se consigo mesmas e colocam a questão do mal e da morte, assim como do bem e da possibilidade de elevação esperitual. O binómio vida-morte, nesta obra, tem de ser pensado na sua relação com a alma verídica, com a vida para lá da morte, a morte pensada como não sendo para a alma um fim. A morte afirmada como mistério. E, por isso, diz-nos: “É por isso que eu teimo que a Morte não tem só cinco letras, mas o mais belo, o mais tremendo, o mais profundo dos mistérios. Prepara-te”¹¹. O enigmaa, porém, permanece, porque na lucidez só “farrapos”.

A consciência que desperta reflete acerca da alma que é caminho para Deus e diz-nos: “Se alguém pudesse escancarar uma alma até às profundidades, e ver ao mesmo tempo de que ternura, de que ânsia, de que desespero e de que tempestades a alma é capaz, nunca mais poderia desviar os olhos de tal espetáculo. Fosse ela a minha alma ou a tua alma. Era o mundo todo, era o universo, era Deus”¹².

⁹ H, 128.

¹⁰ H, Cf. p. 96.

¹¹ H, p.96-97.

¹² H, p. 100.

Esta sua reflexão, acerca da alma na sua relação com Deus, implica fazer um caminho que vai da vida, ou da existência vivida à superfície, para uma vida ou existência vivida de modo verídico, abraçando-se, ou como o próprio autor refere, preparando-se, em enigma e mistério, para o que ela, sem o pretender mostrar, no entanto revela. A “vida oculta” é porta para o refletir. Mas, pensar filosoficamente a existência é já colocar-se a um nível acima dela, nesse sentido, obriga a colocar grandes questões. Quem sou eu? Quem são os outros? E o mundo? Quem é Deus?

Questões permanentes, que constitui a tarefa do Gabiru, a voz interior de Raul Brandão. Como menciona, o Gabiru “Um homem absurdo /.../ É uma parte do ser que abomino. É a única parte do ser que me interessa /.../ gesticula dentro do casaco arrepiado – a alma – a alma – Singular Filósofo”¹³. Na verdade, o Gabiru tem a possibilidade de viver e pensar o verso e o reverso da realidade, e além disso de pensar o sobrenatural.

O Gabiru é o ser que na vida sonha, procura para lá do aparente e material, o espiritual. Ser inquieto e inquietante, absurdo, e que vai à procura do que é impalpável, ou seja, a ternura. Ser solitário e triste, metafísico e pobre mas, paradoxalmente, capaz de amar e de sonhar. Por isso ele vive “num brasido de ideias” e anela ao que na vida é espiritualmente superior.

Raul Brandão que parte do “enxurro humano”, em que a “mulher da esfrega” é personagem a desmultiplicar-se por muitas outras, como ela, perante este concreto da existência, de sombra e de superfície, percebendo bem como o homem se pode adaptar e, por vezes, comprazer com o que é material e rasteiro, coloca, para lá disso, os valores espirituais.

O Gabiru, ao sonhar, coloca as questões centrais de uma vida com sentido, com profundidade, pautada pela ternura, pelo amor. O Gabiru, O pensador, espreita a via que conduz à felicidade. No seu entender, o homem que se emociona e ama é feliz. Eis-nos perante as razões do coração, que se afirma como via do conhecimento. Então, essa “vida oculta”, vida do espírito, corresponde à verdadeira existência, a vida autêntica, que é promotora de bem, de felicidade, de serenidade. Experiências fugazes, evanescentes,, que são profundas, em que a ternura adquire uma dimensão essencial. Experiências que marcam em laivos de fogo a alma.

Conclusão

Porquê considerar que *Húmus* é um romance existencial e metafísico?

¹³ H, p.

Existencial porque parte e descreve a existência, no seu verso e reverso. A existência vivida à superfície, mas também quando a consciência desperta e se descobre como alma. Com efeito, para Raul Brandão é a alma que mais importa e que confere um sentido à existência, na suspeita de que é imortal.

Húmus como um romance metafísico, pois tudo está orientado para “ a luz essa poeira azul que embebe os seres e as coisas”. Encontramo-nos num registo filosófico, numa dimensão claramente metafísica, pois está perpassada pela garantia de que o homem é esse ser contraditório, em que bem e mal, justiça e injustiça, emoção e razão se entrelaçam, num diálogo permanente que mostra em laivos de fogo, o mistério, o secreto, o para lá de nós mesmos e do mundo. Podemos falar, assim, em Deus, como mistério de ser. E falar do homem como o ser que interroga para entrever o que , em absoluto, o supera na sua enigmática e pujante forma de Ser / Deus.

Esta abertura à realidade divina, captada ou intuída como mistério insondável, como amor e irradiação de ser. A presença do divino quebra os muros da indiferença, compõe os “cacos” a que o Gabiru, como filósofo, quer dar unidade, bem como salvar o homem do solipsismo, na garantia kierkegaardiana de que o bem existe e o homem não é uma inutilidade. Há um mais além que tudo justifica, que é imanente e transcendente. A dimensão metafísica assume-se neste romance extraordinário onde todas as questões filosóficas com sentido, quer positivo, quer negativo, emergem, quais lanças da alma que interrogando se ergue até à luz e permite ao homem, como refere na obra *Os pobres*, apresentar-se “diante das estrelas”.